

Subsídios ao conceito de raridade poder e violência segundo J. P. SARTRE

Sebastião Trogo

Resumo

O presente artigo pretende analisar o conceito de raridade poder e violência segundo SARTRE.

Palavras-chave: Filosofia. Raridade. Sartre.

Abstract

This article analyzes the concept of rare power and violence according to Sartre.

Keywords: Philosophy. Rarity. Sartre.

A noção central da Crítica da Razão Dialética é a RARIDADE pois é nela que se enraizará a semântica do PODER POLÍTICO. Nem a violência, nem a mistificação, nem a alienação, nem o inimigo, nem a morte não são suficientes para a construção do conceito de PODER POLÍTICO na análise ascendente que Sartre elabora na Crítica, para tecer o conceito de PODER. Entretanto, a semântica da raridade parece ser mais promissora.

A raridade, de início, se funda no aspecto puramente quantitativo do termo. Diz Sartre: "*quels que soient les hommes et les événements, ils apparaissent dans le cadre de la rareté, c'est-à-dire d'une société incapable de s'affranchir de ses besoins, d'une nature, et qui se définit par là même selon ses techniques et ses outils*".¹

A raridade se apresenta, portanto como fato empiricamente comprovável, como insuficiência de recursos na satisfação das necessidades de uma sociedade. Ela é universal, pois, afeta os homens e os acontecimentos "quaisquer que eles sejam", e também contingente, pois, podemos conceber uma sociedade livre da raridade, embora, de fato, a história de cada sociedade é uma luta sem quartel contra a raridade. Contingente e universal, é a raridade "que faz de nós estes indivíduos, produtores desta História e que se definem como homens".² A raridade funda a possibilidade de nossa História, que até agora não passou da História de homens necessitados. "... dizer que nossa História é história dos homens ou dizer que ela nasceu e se desenvolve no quadro permanente de um campo de tensão engendrado pela raridade, é uma só e mesma coisa".³

Nosso mundo é o mundo da raridade e, portanto da História.

Não há história sem raridade. É evidente que esta não produz a história como uma espécie de causalidade material, mas a raridade é o seu topos, o seu caldo, o seu meio. Mesmo lutando permanentemente para ultrapassar a raridade, o homem a introduz na sua práxis de tal forma que a raridade se transforma num monstro que renasce das próprias cinzas, sob a forma de contra finalidade. Assim a satisfação plena dos meios individuais de condução engendra outra raridade, a do espaço urbano.

Enfim, este é o fato primordial: "*il n'y a pas as-ez pour tout le monde*".⁴

¹ C.RD., p. 85.

² C.RD., p. 201.

³ C.RD., p. 204.

⁴ C.RD., p. 204.

Aspecto Qualitativo da Raridade

Na primeira parte da Crítica, destacamos algumas passagens que apontam para o qualitativo da **raridade**: - "a raridade como primeira unidade vem à matéria pelos homens e torna aos homens através da matéria"⁵

- relação vivida de uma multiplicidade prática com a matéria e no interior da matéria⁶
- relação unívoca de cada um e de todos com a matéria⁷
- relação do indivíduo com o seu ambiente⁸
- determinação da relação geral de uma práxis dialética e múltipla com a materialidade⁹

Se a raridade enquanto quantitativa acusa a insuficiência material de alguma coisa, qualitativamente ela é uma substância segunda que se descobre a partir de uma práxis que modificou a natureza para obter a satisfação de uma necessidade concreta. A matéria transformada e totalizada pela práxis livre é o que Sartre chama de **campo prático** que une negativamente os homens numa espécie de totalização inerte. Esta negatividade aparece como mediação da matéria "enquanto humana". Assim, a vida do homem sobre a terra é inconcebível sem luta, mas luta não puramente contra a natureza, mas dos homens entre si, num antagonismo prático que se alimenta da preocupação em satisfazer necessidades. Pela raridade, a matéria, passivamente, totaliza a multiplicidade humana como conjunto em permanente ameaça de morte, uns contra os outros. É o outro que engendra a matéria rara. Daí, a união dos homens inspirar-se na possibilidade permanente de uma destruição de todos e de cada um através da práxis.¹⁰

A igualdade dos homens se funda na ameaça de que todos são algozes e vítimas: celeiros cheios e barrigas vazias são elos da mesma corrente. A multiplicidade humana se une pela negação da matéria estruturando a presença de todos com todos e por todos. Esta presença proveniente de uma compreensão que se origina da raridade tem a sua efetivação minada pela própria raridade que os une pelo medo e os separa para sobreviver. Para estabelecer a igualdade entre consumidores e bens de consumo, só há uma saída cruel - eliminar consumidores, ou seja, definir os excedentes. De mil modos, os excedentes vão ocupando o seu lugar:

- todos os crimes contra a vida
- controle de natalidade
- vilização do trabalho
- inacessibilidade ao mínimo de saúde, instrução, moradia, alimentação, vestuário, condução, lazer, etc.
- sistema automático de vilização do poder de compra por um expediente grosseiro de má fé chamado inflação.¹

Mas o que há de mais perverso na definição dos excedentes, é que a quantidade de bens define o número dos que vão morrer, mas não diz quais.¹¹ Assim, ninguém tem a vida assegurada. Todos são ao mesmo tempo excedentes e eventuais sobreviventes.

Assim que os bens se tornaram raros com a definição dos excedentes, o meio social se compõe de inimigos potenciais todos e reais concretos em cada situação vivida. Ao definir o inimigo, eu me incluo na definição. Cada um aparece como Outro a quem terei que ceder lugar na existência ou que me cederá seu lugar para que a vida prossiga. Esta é a forma mais radical de alienação e com ela se estabelece o campo da raridade. As relações deste campo são inumanas.

"Nada { .. } poderia ser mais terrível para o homem do que uma espécie inteligente, cruel, que pudesse compreender e desmontar a inteligência humana e cujo fim fosse, precisa-

⁵ C.RD., p. 202.

⁶ C.RD., p. 202

⁷ C.RD., p. 207.

⁸ C.RD., p. 204.

⁹ C.RD., p. 202.

¹⁰ C.RD., p. 204.

¹¹ C.RD., p. 205.

mente, a destruição do homem. Esta espécie é evidentemente a nossa na apreensão de cada homem e de todos eles no meio da raridade."¹²

A Violência

É neste momento que se criam as condições para o surgimento de uma fundação ética concebida como "a práxis que se aclara a si mesma sobre as bases de circunstâncias dadas". A primeira formulação do ético é constituir o Outro em mal radical, como aquele que traz em si a suprema negação: A MORTE! Esta tese, Sartre a defendeu em *Saint Genet* e a ilustra em *O Diabo e o bom Deus*.

A máxima desta ética maniqueana se apresenta com um imperativo destrutivo: o mal deve ser eliminado, ou seja, o Outro como encarnação do mal deve desaparecer do campo prático. Assim, se constitui o inimigo não como simples concorrente, mas como um ser ontologicamente mau. Este é o caldo da violência que é exigida pela própria "estrutura da ação humana sob o reino do maniqueísmo e no quadro da raridade".¹³ A violência é a maneira particular com que os homens interiorizam o fato da raridade e que se traduz como destruição do Outro na sua práxis. A violência se instala como uma necessidade histórica que só desaparecerá com a raridade que a funda ...¹⁴

Uma vez justificada a violência na sua forma originária, ela se desdobra sob formas derivadas, na figura da contra-violência, ou seja: há uma violência má, a do outro, há uma violência boa, a minha. A partir daí, estamos no reino da violência e as condições necessárias para o surgimento do poder político ou o Estado.

O Poder

Nesta luta - que é o trabalho do homem sobre o homem, o grupo favorecido por uma correlação de força descobre sua atividade guerreira sob a forma de um poder que aparece como a "eficácia de uma práxis humana, através da matéria, contra a práxis de outro e a possibilidade de transformar um objeto objetivante em objeto absoluto"¹⁵ ou como dissera Sartre em 1956: "A política, qualquer que ela seja, é uma ação dirigida em comum por certos homens contra outros homens".¹⁶

O poder, portanto, é práxis, isto é, superação que se coloca contra uma outra práxis, ou melhor, trata-se de um conflito de liberdades, na medida em que práxis e liberdade são uma e mesma coisa. Quanto à eficácia, concebamo-la como a capacidade real de uma práxis de atingir um fim determinado: vencer o inimigo pela transformação do homem que age sobre a matéria (objeto objetivante) em homem matéria inerte (objeto absoluto).

Na base do conceito de poder, nessa ótica sartreana, está o projeto fundante de superar a raridade como perigo de morte para cada um dos grupos antagonistas, colocando em destaque o caráter dramático do poder, de vez que, no fundo, ele é uma luta coletiva contra a morte. Em termos mais crus, o poder político é exatamente a performance de uma práxis - de uma classe - para determinar e impor uma determinada

¹² C.R.D., p. 208.

¹³ C.R.D., p. 209.

¹⁴ Vários intérpretes de Sartre, como Robberechts, Jean Lacroix, Dina Dreyfus, Remi Boucher, Hanna Arendt, Frantz Fanon, Cfr. Robberechts, Ludovic, "Critique de la raison dialectique de Jean-Paul Sartre". In *La Revue Nouvelle* (Tournai), Tome XXXV, N° 3, 15 mars 1962; Lacroix, Jean. *Panorama de la philosophie française contemporaine*. Paris, Presses Universitaires de France, 1968; Dreyfus, Dins. "J-P. Sartre et le Mal radical: de l'Être et le Néant à la critique de la raison dialectique". In: *Mercure de France, Janvier*, 1961; Arendt, Hanna. *Du mensonge à la violence. Essais de politique contemporaine*. Paris, Calmann-Levy, 1972; Boucher, Remi. "Quelques aspects moraux de la pensée de Sartre". In: *Revue Philosophique de Louvain*, Tome 71, 1972.

¹⁵ C.R.D., p. 211.

¹⁶ Le Fantôme de Staline, p. 147.

estruturação de raridade e uma certa escala de satisfação de necessidades aos diferentes grupos de uma sociedade. Enfim, é a capacidade de definir os excedentes absolutos os condenados a morrer, os sub-alimentados crônicos, os doentes, os analfabetos, etc.

A sociedade contemporânea "escolhe discretamente seus mortos na simples repartição de postos¹⁷ { ... } "as instituições sociais não passam de escolha estratificada e inerte que uma sociedade faz de seus mortos"¹⁸

São as instituições que mediatizam a violência e suas manifestações práticas. Numa sociedade de classes, é preciso matar, mesmo se a matança tiver o nome de acidente de trânsito, acidente de trabalho, infecção hospitalar, mortalidade infantil, aposentadoria, desemprego, subemprego, salário mínimo, inflação, segurança, legítima defesa, estado de necessidade, etc.

Se a História deve ser inteligível, é porque a "negação deve ser dada a priori e na primeira indiferenciação, seja ela comuna agrícola ou horda nômade. E esta negação é a negação interiorizada de alguns homens pela raridade, isto é, a necessidade que tem a sociedade de escolher seus mortos e seus sub-alimentados."¹⁹

Quem define os excedentes detém o poder, mas de tal modo que tal circunstância não o exclua do destino do grupo: um governante é passível de uma infecção hospitalar, de um atentado, de um acidente automobilístico.

Como os membros do poder não produzem, eles agravam a raridade, daí decorre uma situação ambivalente: por um lado eles definem os excedentes, por outro, eles próprios são excedentes em potencial. Assim, como detentores do poder, isto é, deliberam sobre os que vão morrer, eles podem se colocar no final da lista, como agravadores da raridade, podem ser liquidados pela maioria. Deste modo, os detentores do poder interiorizam essa ambivalência e a re-exteriorizam comportando-se de dois modos distintos ou fundindo as duas modalidades: ou enfrentam os dominados como se fosse **Outros** que o homem, isto é, na qualidade de deuses; ou enfrentam os dominados como se fossem, eles os mandantes, reduzida esta ao estado da sub-humanidade.²⁰ Tais situações se estereotipam, líderes carismáticos uns, oligarcas, monarcas, classes dominantes, cidadãos da polis, reserva moral, defensores da pátria, etc.

Se o desejo como ser da falta frustra a realização de seu conceito no objeto de sua satisfação.

Se o objeto de sua satisfação tanto mais aguça a realização do desejo quanto mais raro for o seu ser.

Segue-se que à suprema raridade corresponde ao supremo desejo.

Ora o supremo desejo é o poder, porque só o poder pode satisfazer a todos os desejos, inclusive o de se colocar no último lugar da fila dos excedentes.

Sendo o poder singular a satisfação do desejo do raro, ele é perseguido por todos, mas só realizável por poucos, porque ele se exerce na exata proporção da raridade de seu objeto.

A ingente tarefa do poder será a de convencer a maioria de sua legitimidade. E seu argumento mais convincente, astucioso e sutil será o da representação.

Todas as cartas do poder encimam esta mentirosa e tranquilizadora epígrafe: "Todo poder vem do povo e em seu nome será exercido".

A astúcia de todas as democracias está o insano trabalho de convencer aos subordinados, as ditas bases, de que são eles os únicos e verdadeiros detentores do poder. Esta ingente tarefa do convencimento há de criar as categorias da ordem e da paz social. Há de criar e mobilizar instituições sob a égide da educação, da justiça, da religião para desviar a atenção dos excedentes.

Tenho dito.

*Sebastião Trogo
Maio de 2009*

¹⁷ C.RD., p. 205.

¹⁸ C.RD., p. 206.

¹⁹ C.RD., p. 210.

²⁰ C.R.D., p. 222.